

Produções textuais de alunos da Educação Básica: uma análise semântico-enunciativa

Written productions by Basic Education students: a semantic-enunciative analysis

Rosa dos Santos Silvaⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-0975-0380>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Adilson Venturaⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-7521-3981>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre as possibilidades de interpretação de texto em sala de aula. Ele discute a contribuição da Semântica do Acontecimento (SA) na educação básica, problematizando os sentidos produzidos pelos dizeres que constituem os textos. A produção emerge das inquietações de uma professora-pesquisadora que, ao longo de sua trajetória profissional, tem se deparado com as dificuldades de interpretação apresentadas por seus alunos, bem como com os baixos resultados evidenciados nas avaliações externas, conforme apontam os principais indicadores educacionais. Partindo dessas inquietações, buscou-se responder ao seguinte questionamento: de que forma os lugares sociais e modos de dizer configuram meios de se produzir interpretação textual na sala de aula? Para isso, foram selecionados recortes de atividades produzidas por alunos, analisados à luz de conceitos da teoria da Semântica do Acontecimento (2011, 2018). Dentre os dispositivos teórico-metodológicos dessa vertente teórica, mobilizamos os procedimentos de análise de articulação e reescrituração, a caracterização e constituição do espaço de enunciação, bem como a configuração da cena enunciativa. Esses suportes analíticos possibilitaram uma observação capaz de identificar os lugares sociais de dizer dos alocutores-x nos espaços enunciativos.

Palavras-chave: Semântica do Acontecimento; Interpretação de texto; Aluno; Escola.

Abstract: This paper is the result of research on the possibilities of text interpretation in the classroom. It discusses the contributions of the Semantics of the Event (SE) in basic education in order to problematize the meanings produced by the utterances that constitute the texts. This study stems from the concerns of a teacher-researcher who, throughout her professional trajectory, has encountered the difficulties of her students in interpreting texts, as well as the low results evidenced in external evaluations as indicated by key educational indicators. Taking into account these concerns, it was sought to answer the following question: how do social positions and modes of speech provide ways to foster textual interpretation in the classroom? To address this, a delimited set of activities produced by the students was selected. It was analysed in the light of the Semantics of the Event theory (2011, 2018). Amongst the theoretical-methodological devices; under this perspective, we mobilized the analysis procedures of articulation and rewriting, the characterization and constitution of the space of enunciation, as well as the configuration of the enunciative scene. These analytical devices enable an observation capable of identifying the social places of the allocutor's utterances in the enunciative spaces.

Keywords: Semantics of the Event; Text Interpretation; Student; School.

1. Introdução

A escolarização, entendida como um dos principais mecanismos transformadores de uma sociedade, assume um papel central no fortalecimento da democracia e no compromisso com a formação integral do ser humano. Nesse espaço de construção de saberes, este estudo investiga as dificuldades que os estudantes enfrentam em relação à interpretação e como esses problemas contribuem para o insucesso escolar.

Os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)¹, de 2021, ilustram esse desafio em âmbito nacional. No Brasil, os estudantes de escolas públicas obtiveram os seguintes índices: 51% no 5º ano e 35% no 9º ano. Na Bahia, os números foram ainda mais baixos, com 38% no 5º ano e 24% no 9º ano. Já em Dom Basílio, município onde desenvolvemos esta pesquisa, os resultados superaram as médias nacional e estadual no 5º ano, com 39%, e também no 9º ano, com 43%.

¹ O IDEB é um índice desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que considera as taxas de aprovação escolar, obtidas no Censo Escolar, com as médias de desempenho em língua portuguesa e matemática dos estudantes no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Dessa forma, apresentam melhores resultados no IDEB as escolas que alcançam, de forma simultânea, maior taxa de aprovação e proficiência nas avaliações.

Apesar desse desempenho relativamente superior, os índices permanecem muito aquém do ideal, reforçando a necessidade de intervenções pedagógicas voltadas à melhoria da interpretação textual e à promoção do sucesso escolar. Essas estatísticas são fundamentais para fomentar reflexões que impulsionem melhorias nas práticas pedagógicas e a construção de estratégias educacionais mais eficazes. É necessário que os resultados, em vez de promoverem a concorrência e a comparação entre redes de ensino, sirvam como base sólida para a reformulação das práticas pedagógicas nas escolas e para a orientação de políticas públicas que enfrentem, de maneira eficiente, as fragilidades evidenciadas pelas avaliações.

Constatamos, ainda, que as formas convencionais de abordagem da interpretação de texto no ambiente escolar não têm contribuído significativamente para o aprimoramento do desempenho dos alunos na disciplina de Língua Portuguesa. Como consequência, permanecemos distantes de alcançar melhorias efetivas no que se refere à leitura e à compreensão textual.

Dessa forma, falar sobre interpretação é falar sobre um tema amplo e complexo, que certamente não poderia ser esgotado neste trabalho, considerando suas múltiplas dimensões teóricas, metodológicas e didáticas. Isso se dá devido ao fato de que

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. [...] os sentidos não se fecham, não são evidentes, embora pareçam ser. [...] O homem não pode, assim, evitar a interpretação, ou ser indiferente a ela. Mesmo que ele nem perceba que está interpretando – e como está interpretando – é esse um trabalho contínuo na sua relação com o simbólico (Orlandi, 2012, p. 20).

Diante disso, entre os diversos aspectos que permeiam o processo interpretativo, um dos que mais nos chama a atenção é a relação do aluno com o texto. Isso se justifica pelo fato de que a “interpretação semântica não se reduz à projeção de uma regra de ‘leitura’ automática dos elementos de sintaxe. A interpretação semântica é feita de um lugar de leitor” (Guimarães, 2017, p. 33). Nesse sentido, buscamos contribuir para que o aluno compreenda que, a depender dos lugares sociais que ocupa, é possível construir diferentes interpretações. Com isso, almejamos que ele desenvolva uma relação menos ingênua com os diversos textos com os quais interage no ambiente escolar e fora dele.

O corpus que compõe este trabalho foi retirado de atividades produzidas por alunos em sala de aula. A primeira atividade consiste em perguntas, respostas e correções elaboradas a partir da leitura do texto “Debaixo da Ponte”, de Carlos Drummond; já a segunda envolve perguntas e respostas relacionadas aos capítulos do livro “O Seminarista”, de Bernardo Guimarães.

Cabe ressaltar que o corpus analisado neste artigo constitui um recorte de dissertação de mestrado profissional em Letras, intitulada “Possibilidades de interpretação de texto em sala de aula: uma abordagem a partir da Semântica do Acontecimento”, apresentada ao ProflLetras (Programa de Mestrado Profissional em Letras), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista.

A seguir, serão apresentados os pressupostos teóricos da teoria adotada como base para este trabalho: a Semântica do Acontecimento.

2. Semântica do Acontecimento: uma teoria dentro dos estudos semânticos enunciativos

Para realizarmos este trabalho, utilizaremos os pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento e de seus próprios procedimentos analíticos. Nossa abordagem consiste em investigar a relação do aluno com o texto e os modos como as interpretações são conduzidas sob a perspectiva da SA, teoria que se agrega ao escopo das semânticas enunciativas/argumentativas, mas que assume posições diferentes no que tange às relações língua/sujeito/história.

A Semântica do Acontecimento proposta pelo professor pesquisador da Unicamp Eduardo Guimarães (2002, 2009, 2018), considera a formação dos sentidos no acontecimento do dizer, compreendendo-os como não fixos e parte da premissa da opacidade da língua e do sujeito. Desse modo, a língua não é transparente e sua relação com o real é histórica, ou seja, os sentidos são tomados na história, em cada acontecimento. Embora seja uma teoria relativamente nova, já existem várias produções científicas desenvolvidas nessa área por pesquisadores como Dias (2018), Ventura (2018, 2020), Zoppi-Fontana (2018), Oliveira (2014, 2018), entre outros.

Na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), o Grupo de Estudos e

Pesquisa em Semântica (GEPES)², do qual a autora faz parte, vem, desde 2017, realizando leituras/produções que pesquisam sentidos construídos na/sobre educação. Nessa linha, analisamos vários aspectos em materiais didáticos, tais como os sentidos de vários termos contidos nesses materiais: interpretação, alfabetização, língua, família, texto, poesia, entre outros temas relevantes da educação brasileira. Além disso, no âmbito dos pesquisadores que fazem parte do ProfLetras, há um trabalho desenvolvido diretamente com os alunos em sala de aula, o que constrói a perspectiva de um maior diálogo entre a universidade e o ensino básico.

Dessa forma, apontaremos os principais conceitos da teoria que contribuem para a análise/interpretação textual na escola, uma vez que “a Escola tem um papel específico na formação das pessoas tomadas como cidadãos de um Estado-Nação” (Guimarães, 2012, p. 169). E é nesse espaço escolar que aplicamos a teoria, por meio dos mecanismos de análises, dando destaque para a cena enunciativa.

Para a SA, o texto é uma dispersão de sentidos, já que é na enunciação que os sentidos são constituídos e o enunciado, por sua vez, é tratado como integrado a um texto. “São as relações enunciativas do acontecimento que constituem sentido” (Guimarães, 2009). Para compreendermos como esses sentidos são formados, é preciso entender que a Semântica do Acontecimento coloca de saída a questão do sujeito com a língua” (Guimarães, 2002, p. 8), ou seja, conforme dito anteriormente, a língua não é transparente e sua relação com o real é histórica³. Sendo assim, Souza (2019, p. 30) nos aponta que

A partir da noção da não transparência da língua, a SA estabelece que o objeto de análise sejam expressões linguísticas presentes em

² Conferir REIS, R. O.; SOUZA, P. T. C. de; VENTURA, A. Os sentidos da palavra “linguagem” na Gramática do Português Contemporâneo de Celso Cunha e Lindley Cintra: uma análise enunciativa. *Traços de linguagem*, v. 2, n. 2, p. 20-28, 2018.

Conferir SIGLIANI, L. C. de S. Desvalorização ou reconhecimento? A contradição nos sentidos de professor. Orientador: Adilson Ventura. 2020. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA. 2020.

Conferir SILVA, F. J. Cenas repetidas: sentidos e memoráveis de gênero no livro didático. Orientador: Adilson Ventura da Silva. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.

Conferir VENTURA, A. O Sentido: uma questão ética. In: OLIVEIRA, R. R. R. et al. *Linguagem e significação: práticas sociais*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b. 2 v.

³ Diferente de uma concepção de historicidade como uma sucessão cronológica, a historicidade para a Semântica do Acontecimento é um fenômeno social, sendo que a significação é determinada pelas condições sociais de sua existência (Guimarães, 2002, p. 66).

enunciados, enquanto enunciados de um texto – que, nesta filiação teórica, é entendido por uma dispersão de sentidos e que integra enunciados.

Desse modo, o sujeito também não é transparente e não possui controle algum sobre os sentidos daquilo que diz, uma vez que, em nosso propósito teórico, o sujeito não sendo origem do sentido é tomado por ele e é agenciado a dizer o que diz pelo espaço de enunciação: “O Locutor só é Locutor enquanto falante determinado por este espaço político do dizer, o espaço de enunciação” (Guimarães, 2009, p. 50).

Diante do exposto, a Semântica do Acontecimento permite estabelecer novos modos de ensinar a leitura, a escrita e a fala ao romper com a ilusão da transparência da linguagem. Propor uma pedagogia à luz da SA implica deslocar a atenção das 'respostas prontas' — frequentemente cristalizadas nos manuais do professor — para a análise da opacidade do dizer e dos agenciamentos enunciativos que constituem os sentidos no texto. O desafio pedagógico consiste em transformar a sala de aula em um espaço de enunciação no qual o aluno não seja apenas um receptor de informações, mas um sujeito que está em lugares sociais e como esses lugares determinam suas possibilidades de interpretação. Ao ensinar o aluno a descrever o funcionamento semântico, identificando como os sentidos são produzidos no acontecimento da enunciação, promovemos uma relação menos ingênua com o texto. É essa formação de leitores críticos, capazes de perceber o texto como uma unidade de sentidos em litígio e não como uma verdade factual inquestionável, que poderá mitigar as fragilidades apontadas pelos indicadores educacionais e promover um sucesso escolar fundamentado no exercício da cidadania.

A SA toma como objeto o texto, entendido como “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento da enunciação”. Como postula Guimarães (2011, p. 40), o sentido não é uma propriedade inerente à palavra, mas algo que 'tem a ver com os textos em que estão'. Assim, a unidade de análise para o semantista é o enunciado enquanto elemento integrado ao acontecimento, pois é essa relação de integração que constitui o sentido e permite ao aluno apreender a opacidade da língua em vez de buscar respostas prontas. Assim como afirma Stahlhauer e Reis (2019, p. 87),

Pois todo o processo de ensino, podemos afirmar, e todo processo de linguagem é pautado na produção de sentidos. O sentido é o que faz

falar, dizer e significar, pois ele sempre está ali de modo a se projetar, a se recolocar como o mesmo ou como novo, como outro diferente de si.

Partindo dessa premissa, nossa análise de texto incidirá nas atividades elaboradas pelos estudantes dos textos “Debaixo da ponte”, de Carlos Drummond de Andrade e o romance “O seminarista”, de Bernardo Guimarães. Interessa-nos apontar, que a escolha do gênero não “importa” para essa teoria, o que nos interessa é o texto, uma vez que um ensino que toma como central a questão dos gêneros é um ensino que se configura como do mesmo tipo que aquele ligado ao ensino de gramática normativa, que ensina um padrão específico de linguagem. Trata-se de uma gramática ou de modelos autorizados que se apresentam como dizendo o que deve ser feito (Guimarães, 2012, p. 172).

2.1 Conceitos da Semântica do Acontecimento mobilizados para análise

Para desenvolvimento da análise, vamos definir alguns conceitos que serão mobilizados neste artigo, que são: 1º) articulação e reescrituração, 2º) espaço de enunciação, 3º) Domínio Semântico de Determinação (DSD) e 4º) cena enunciativa.

No que se refere ao 1º, Guimarães (2007, p. 84) conceitua a reescrituração como “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado”. Quanto ao procedimento de articulação, Guimarães (2018, p. 81) define-o como o processo pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade. Essa operação pode ocorrer de três modos distintos: por dependência, quando os elementos se organizam em um conjunto unitário; por coordenação, que toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só; e por incidência, quando um elemento externo afeta a natureza de outro enunciado”.

No que tange ao 2º, Guimarães define o espaço de enunciação como “o espaço de relações de línguas no qual elas funcionam na sua relação com os falantes” (Guimarães, 2018, p. 23); o espaço de enunciação é o modo de distribuir as línguas que estão em relação. “Neste embate entre línguas e falantes, próprios do espaço de

enunciação, os falantes são tomados por agenciamentos enunciativos, configurados politicamente” (Guimarães, 2005, p. 22). Portanto, não há língua sem relação com outras línguas, nem sem relação com os falantes. É importante frisar que o semantista aponta que as línguas estão distribuídas de modo desigual, constituindo, assim, os falantes também de modo desigual, de maneira que o espaço de enunciação deve ser entendido, portanto, como um “espaço político do funcionamento das línguas” (Guimarães, 2018, p. 24).

No tocante ao 3º conceito mobilizado é o Domínio Semântico de Determinação (DSD). O DSD é um instrumento analítico que permite descrever como a significação de uma expressão se reporta a algo ou o caracteriza dentro de um texto específico. Diferente de uma classificação de objetos, o DSD demonstra como o sentido de uma palavra é constituído pelas relações de determinação que ela estabelece com outras expressões no acontecimento da enunciação.

Para a representação gráfica dessa rede de sentidos, utilizam-se símbolos técnicos conforme proposto por Guimarães (2018): os sinais $\vdash$, $\perp$, $\top$ e $\dashv$ indicam que o elemento na ponta do traço determina (predica) o sentido do elemento que vem a seguir (ex: na relação $x \vdash y$, o termo x determina y). Além disso, o sinal $\sim$ significa uma relação de sinonímia, enquanto um traço contínuo --- indica uma relação de antonímia ou oposição entre os termos que estiver acima e o que estiver abaixo dos traços.

Por fim, a cena enunciativa “se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (Guimarães, 2002, p. 23), sendo que, “aquele que fala” ou “aquele para quem se fala” não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo. Logo, constitui lugares compostos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer.

Desse modo, a cena enunciativa fundamenta-se nos lugares de dizer temporalizados e especificados no acontecimento, a qual se exhibe por apresentar as figuras enunciativas e suas respectivas contrapartes. A cena enunciativa é configurada da seguinte forma:

Quadro 1 – Configuração da cena enunciativa

(L)	Locutor = fonte do dizer	→	LT)	Locutário = alvo do dizer
(al-x)	alocutor = lugar social do dizer	→	atx)	Alocutário = alvo social do dizer
(E) Enunciador -individual; -genérico; -coletivo; -universal.				

Fonte: elaboração própria.

Na representação acima, podemos dizer que “o falante é agenciado e dividido como Locutor, alocutor (-x) e enunciador, vemos também como esta divisão agencia uma configuração de alocação: um Locutário correlato do Locutor e um alocutário (-x) correlato do alocutor (-x)” (Guimarães, 2018, p. 99). O semanticista afirma, ainda, que essa relação de alocação está associada à relação do enunciador com aquilo que diz. Conforme ilustrado acima, Guimarães (2002 *apud* Brandão, 2020, p. 102)⁴ apresenta quatro tipos de enunciadores especificados da seguinte maneira:

- 1) **O enunciador-individual**, que retira seu dizer da circunstancialidade e se apresenta como independente da história, produzindo assim um efeito de origem;
- 2) **O enunciador-genérico**, em que há uma simulação da origem do dizer que é dito por um todos diluído, independente da história, ou seja, um enunciador que se mostra como “um indivíduo que escolhe falar tal como outros indivíduos” (Guimarães, 2002, p. 25), apresentando-se assim como o apagamento do lugar social;
- 3) **O enunciador-coletivo**, que traz, em perspectiva, um dizer que é compartilhado por um grupo, caracterizando-se assim como o lugar de dizer em que a voz do grupo é uma única voz;
- 4) **O enunciador-universal**, que se apresenta como

⁴ A autora apresenta os quatro tipos de enunciadores descritos neste texto.

quem diz algo verdadeiro diante dos fatos, ocupando um lugar de universalidade em que se fala sobre o mundo, um lugar do dizer que está acima da história (**grifos nossos**).

Nas atividades elaboradas pelos estudantes, podemos observar de que modo, ao dizer de um determinado lugar social, diferentes argumentos são mobilizados, levando, por conseguinte, a diferentes orientações argumentativas, isto é, a diferentes conclusões, o que produz divisões no real do qual se fala, apontando, assim, para o caráter político da argumentação.

Conforme veremos nas análises, o acontecimento distribui papéis aos falantes de forma desigual, segundo uma hierarquia de identidades. Por exemplo, a um falante é permitido que se comunique como aluno de certo modo, ao ser tomado no acontecimento, como alocutor-aluno. Contudo, ao mesmo falante, tomado em outro acontecimento enunciativo, ele assume o papel de alocutor-professor, por exemplo, durante uma elaboração e resolução de atividades. Com isso, a seguir, serão feitas as análises dos dados.

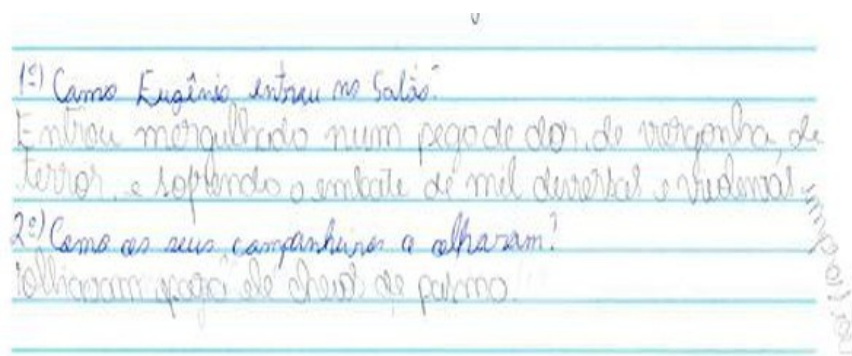
3. Análise

Nesta seção, serão analisadas duas atividades: a primeira é a do romance O seminarista, de Bernardo Guimarães; e a segunda é da crônica Debaixo da ponte, de Carlos Drummond de Andrade,, ambas elaboradas pelos estudantes⁵. A análise pauta-se na descrição do funcionamento semântico-enunciativo por meio dos mecanismos de articulação, reescrituração e da configuração da cena enunciativa. Tais suportes analíticos permitem identificar os lugares sociais de dizer (alocutores-x) e os agenciamentos que constituem os sentidos de forma opaca e histórica, rompendo com a ilusão de transparência da língua. A seguir, serão feitas as análises.

Figura 1 – Atividade sobre “O seminarista”⁶

⁵ Na dissertação foram selecionadas, por sorteio, 20% das produções dos estudantes, correspondendo em 5 atividades. Neste estudo, utilizaremos apenas duas atividades, por obediência ao número limite de páginas deste artigo.

⁶ A atividade apresentada na Figura 1 faz parte de uma pesquisa desenvolvida com alunos, do 8º ano, do ensino fundamental, anos finais, de uma escola municipal de Dom Basílio-BA, no âmbito do ProfLetras/UESB. Durante o ano letivo, os estudantes realizaram a leitura dirigida dos capítulos do romance O Seminarista e foram desafiados a elaborar suas próprias questões e correções em sala de aula, exercitando o deslocamento de papéis na cena enunciativa



1. Como Eugênio entrou no salão

R= Entrou mergulhado num pego de dor, de vergonha, de terror e sofrendo o embate de mil diversas e violentas impressões.

2. Como seus companheiros o olharam?

R= olharam para ele cheios de pasmo.

Fonte: Silva, 2024

As duas perguntas, nesse recorte, são formuladas com o pronome interrogativo “como” e podemos destacar, nesses casos, o procedimento de articulação em que as relações semânticas são estabelecidas pela maneira como os elementos linguísticos dão sentido uns aos outros mediante agenciamento enunciativo. Nesse caso, as perguntas foram elaboradas por coordenação, ou seja, “como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes”. Temos, portanto, duas perguntas que se relacionam dentro de um mesmo enunciado, de forma implícita. Observa-se que a conjunção coordenativa “e” une as questões, o que permite parafraseá-las da seguinte maneira: Como Eugênio entrou no salão e como seus companheiros o olharam.

Os termos **mergulhado num pego** são reescriturados por elipse, ao dizer [mergulhado num pego] “de dor”, [mergulhado num pego] “de vergonha” e [mergulhado num pego] “de terror”, produzindo sentido de especificação. É sabido na SA que “uma expressão reescritura outras de diversos modos [...]” (Guimarães, 2009, p. 54) e que esses modos instauram sentidos de formas diferentes. Nesse caso, a enumeração dos sentimentos do personagem Eugênio proposta pelo alocutário-aluno é reescriturada por condensação em “diversas e violentas expressões”, reforçando o sentido de como se encontrava o personagem ao entrar ao salão, de modo a contemplar o enunciado anterior proposto pelo alocutor-autor. “Aqui o [várias] [...] condensa boa parte do que está dito [...] E, como vimos, condensa de modo muito específico, porque não aparece só como um generalizador, mas como um totalizador”

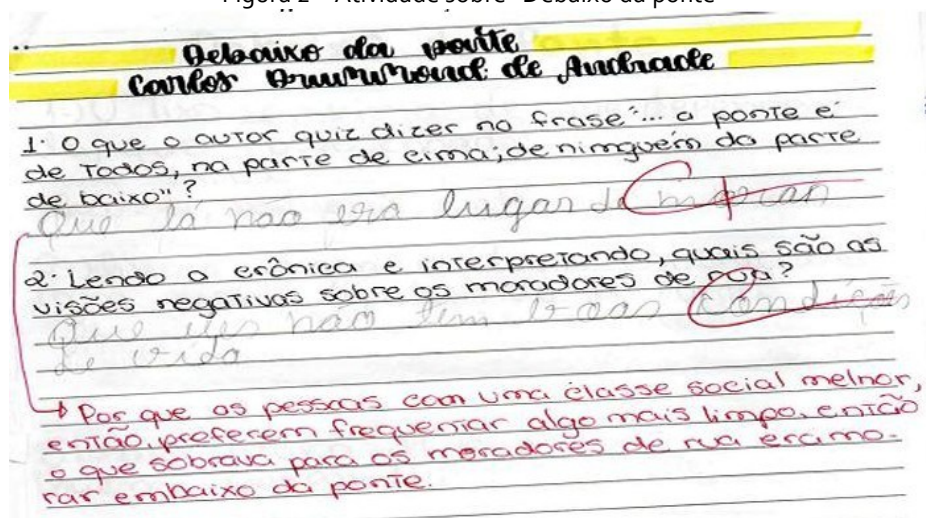
(Guimarães, 2009, p. 89).

Em todo o texto, a palavra Eugênio é reescriturada por duas formas: por elipse e por substituição. No primeiro caso, *[ele] entrou...* temos uma reescrituração por elipse. Pela terminação verbal, é possível identificar o sujeito elíptico nessa oração; no segundo caso, temos uma reescrituração por substituição em que o termo Eugênio é substituído pelo objeto direto *o* e pelo pronome pessoal *ele* no último enunciado. A partir dessas relações, pode-se entender a configuração de sentidos do personagem principal da obra, Eugênio, que é reescriturado por condensação por “Seminarista” no título do livro de Bernardo Guimarães, como alguém que foi construído por sofrimentos e decepções, marcado em todo o enredo da obra, possibilitando que, pelo recorte, o aluno compreenda a narrativa do romance. Isso ocorre pelo fato de que ele foi construído por essas marcas linguísticas em que o personagem ocupa esse lugar central do texto.

A análise do recorte aponta para a importância de compreendermos a **cena enunciativa** como um espaço de construção de sentidos que não é neutro, mas atravessado por disputas políticas, como destacado por Guimarães. O conceito de espaço de enunciação como um “espaço regulado e de disputas pela palavra” sublinha que, ao analisar o texto, não basta identificar elipses ou substituições de termos como “Eugênio”, é fundamental observar como essas escolhas linguísticas estão inseridas em um jogo de forças mais amplo. Nesse espaço, as relações entre as vozes (do Locutor, Alocutor e Enunciador) emergem como vetores políticos que, ao disputar o dizer, constroem as identidades dos sujeitos, nesse caso, a própria figura de **Eugênio**.

Assim, ao investigarmos o funcionamento desses elementos, seja pela reescrituração, seja pelas articulações semânticas, identificamos um movimento constante de significação que revela as tensões entre o visível e o invisível, o nomeado e o não nomeado. Esse processo nos permite uma leitura que vai além do mero reconhecimento das formas linguísticas, abordando as dinâmicas de poder que estruturam o acontecimento linguístico. Com isso, passamos para a análise do segundo recorte.

Figura 2 – Atividade sobre “Debaixo da ponte”



Debaixo da ponte

Carlos Drummond de Andrade

1. O que o autor quis dizer na frase “... a ponte é de todos, na parte de cima, de ninguém da parte de baixo?”

R = Que lá não é lugar de morar

2. Lendo a crônica e interpretada, quais são as visões negativas sobre os moradores de rua?

R= Que eles não tem boas condições de vida Correção da

aluna que elaborou as perguntas:

Porque as pessoas com uma classe social melhor, então preferem frequentar algo mais

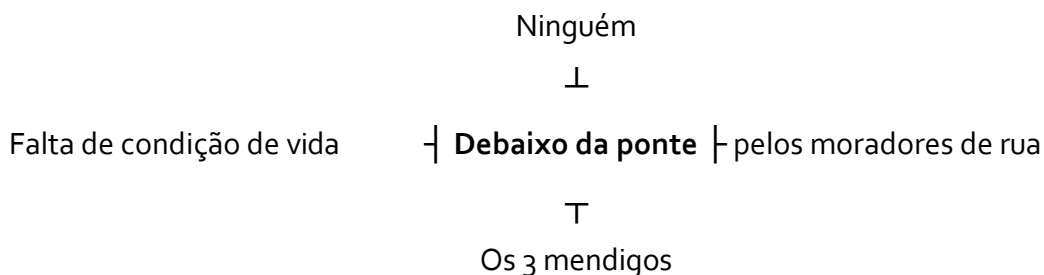
Fonte: dados da pesquisa.

Nesse recorte, ao explorar a crônica “Debaixo da Ponte” de Drummond, o alocutor-autor, na primeira questão, projeta um enunciador individual, pois solicita uma opinião pessoal sobre “o que o autor quis dizer na frase [...]”. No entanto, o alocutário-aluno, ao enunciar que *lá* (debaixo da ponte) não é lugar para se morar, é desconsiderado pelo alocutor-professor, que sinaliza a resposta como “meio certa” e acrescenta uma possibilidade correta. O alocutor-professor mantém o mesmo estilo do livro didático, que, embora desenvolva uma pergunta pessoal, sempre sugere uma “possibilidade de resposta”, instaurando sentidos de que a resposta correta sempre vai ser aquela que vem pronta no manual do professor.

Situações como essa também foram observadas em outros recortes analisados na dissertação mencionada. Percebe-se que tal prática fragiliza as respostas dos

estudantes, que acabam ficando à mercê das sugestões do livro didático. Esse recurso pedagógico, embora possa auxiliar o professor, também se mostra limitador: mesmo em perguntas de caráter pessoal, o manual apresenta respostas-modelo. Se o docente não estiver preparado para acolher e mediar as diferentes interpretações produzidas pelos alunos, corre o risco de se prender a respostas já prontas, desconsiderando a singularidade das produções dos estudantes.

Observamos que os nomes que compõem a atividade, para os moradores de debaixo da ponte, são constituídos por sentidos que se entrelaçam com a história e criam uma relação específica entre o nome e o nomeado. Como aponta Guimarães (2018), a construção do sentido para o nome não é um dado biológico, mas um processo produzido historicamente no acontecimento. Esse funcionamento é visível no Domínio Semântico de Determinação (DSD) apresentado a seguir, no qual a aplicação dos sinais de determinação permite descrever como a designação de 'ninguém' é predicada pela exclusão. O DSD demonstra como os sentidos constroem uma história para esses nomes ao recortarem memoráveis de invisibilidade social, significando o espaço 'debaixo da ponte' como um 'não-lugar' habitado por sujeitos identificados apenas pela negação.



Nesse ponto, a teoria em estudo nos permite indagar como os sentidos atribuídos às pessoas que moram ou transitam debaixo da ponte funcionam no texto e como foram explorados pelo alocutor-autor. Além do DSD, ao aplicar o conceito de reescrituração proposto por Guimarães nessa cena enunciativa, é possível identificar os diferentes sentidos que designam essas pessoas.

Considerando esse DSD, o professor pode desenvolver outras análises nas quais se pode aplicar os mecanismos analíticos da teoria utilizada, por meio das histórias trazidas pelos estudantes sobre o acontecimento da nomeação de pessoas que residem

debaixo da ponte: quem atribui esse nome, por que o nome foi atribuído e o que ele significa para a sociedade. A roda de conversa para a socialização dessas partilhas possibilitará a circulação de outras narrativas sobre esses nomes e sentidos.

Esses sentidos, portanto, podem ser explorados em sala de aula. Esse trabalho pode contribuir para que os estudantes compreendam que os nomes atribuídos às pessoas que moram debaixo da ponte possuem uma função que ultrapassa a simples identificação: eles fazem parte da história dessas pessoas e de suas identidades, marcando suas vidas de modos distintos, com sentidos que se modificam e se dividem.

Essa abordagem possibilita desdobramentos de leitura que transcendem a coleta de dados empíricos, permitindo ao professor propor uma investigação sobre o funcionamento semântico-enunciativo dos textos sobre a população em situação de rua. Em vez de uma pesquisa puramente histórica ou numérica, os alunos podem ser orientados a analisar como a designação desses sujeitos é construída em documentos de políticas públicas e na mídia de diferentes períodos. Sob a ótica da SA, a atividade consistiria em identificar os memoráveis que sustentam as nomeações em épocas de crise social, observando como os mecanismos de articulação e reescrituração produzem sentidos de invisibilidade ou de assistência precária. Ao estabelecer comparativos entre estados, o foco recairia sobre as diferentes partilhas do real operadas pelo discurso oficial: como a língua, ao ser agenciada por um alocutor-legislador, identifica o sujeito em vulnerabilidade e quais sentidos de pertencimento ou exclusão são instaurados no espaço de enunciação. Assim, a pesquisa histórica e numérica serve como base para compreender o caráter político da enunciação, apontando como o modo de nomear esses sujeitos interfere na sua inscrição na história e na consolidação de seus direitos constitucionais.

Com estes movimentos e passos vai-se praticando uma certa concepção de texto, envolvendo os alunos tanto na atividade de interpretar, a partir de uma descrição cuidadosa de aspectos do texto e de suas condições históricas de funcionamento, quanto na de produzir textos (Guimarães, 2012, p. 179).

O autor acrescenta que “é preciso ver que em todo processo eles estão envolvidos na atividade de discutir oralmente e de resumir oralmente e por escrito um texto” (Guimarães, 2012, p. 179). Assim, vai-se aprimorando a prática de interpretação

textual a partir de um conjunto de conhecimentos que podem ser buscados em fontes seguras.

Por fim, esse movimento de interpretação textual, possibilitado pela teoria em estudo, abre espaço para inúmeras interpretações do texto literário a partir das produções dos estudantes, permitindo que se alcancem os objetivos pedagógicos de formar leitores mais críticos e conscientes em suas práticas de leitura.

4. Considerações finais

O nosso interesse pelo estudo da interpretação textual, enquanto professora de Língua Portuguesa da Educação Básica na Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia, é impulsionado pela necessidade de trazer à tona discussões sobre o texto a partir da relação aluno-texto, buscando várias estratégias de leitura que possibilitem encontrar caminhos para entender que o “texto é uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento da enunciação” (Guimarães, 2012, p. 25). Essa unidade se caracteriza por produzir sentido, ou seja, para que os alunos aprimorem as leituras e, conseqüentemente, a interpretação, é preciso que, antes de tudo, eles compreendam quais sentidos estão funcionando no texto interpretado.

Ancorados na reflexão de Rubem Alves, ao afirmar que “A missão do professor não é dar respostas prontas, a missão do professor é provocar a inteligência do aluno, o espanto e a curiosidade” (Alves, 2017, p. 1), fomos capazes de identificar, por meio da interação entre o aluno e o texto, as múltiplas maneiras de interpretação que a Semântica do Acontecimento nos possibilita. Ao observarmos os resultados do IDEB e, especialmente, as dificuldades de interpretação de textos em sala de aula, ficou evidente que os métodos convencionais de ensino não têm sido eficazes para promover uma compreensão profunda e crítica dos textos.

Diante da insuficiência dos métodos convencionais para promover uma compreensão crítica – “não gosto das palavras fadigadas de informar” (Barros, 2017, p. 1) –, optamos por um modelo de interpretação textual fundamentado na Semântica do Acontecimento. Embora este artigo se detenha na análise de dois recortes específicos (as atividades sobre O Seminarista e Debaixo da Ponte), esses enunciados são tomados como exemplares do funcionamento da cena enunciativa e do espaço de

enunciação em sala de aula. Através deles, é possível descrever como o agenciamento dos estudantes em diferentes lugares sociais (alocutores-x) — ora como alunos que interpretam a dor de Eugênio, ora como 'corretores' que desafiam a resposta pronta do manual — altera a produção de sentidos. Esse novo olhar demonstra que a interpretação não é uma regra automática, mas um processo ativo e político, no qual o aluno deixa de buscar uma verdade dicionarizada para compreender como os sentidos são instaurados no acontecimento do dizer. Assim, os exemplos analisados funcionam como propostas de uma prática pedagógica que amplia as possibilidades de leitura ao tornar o estudante sensível às posições sociais que constituem os sentidos.

Por fim, nosso objetivo é contribuir para a implementação de novos métodos de leitura e interpretação, de modo a oferecer suporte aos professores para que compreendam que o ensino de Língua Portuguesa não se limita a uma abordagem unívoca e restrita de “interpretação de texto”, frequentemente encontrada em parte dos manuais didáticos. Além disso, tampouco deve se encerrar, exclusivamente, no estudo dos aspectos gramaticais. Pelo contrário, buscamos evidenciar o quanto é fascinante estudar a linguagem enquanto prática viva, dinâmica e significativa, capaz de ultrapassar os limites dos muros escolares e permitir que os alunos se enxerguem além do lugar social que ocupam, ampliando suas perspectivas e ressignificando suas relações com o mundo.

Referências

ALVES, R. O Papel do Professor segundo Rubem Alves! **Trocas e Reflexões**, 9 jun. 2017. Disponível em:

<https://trocasereflexoes.blogspot.com/2017/06/o-papel-do-professor-segundo-rubem-alves.html>. Acesso em: 6 out. 2024.

BARROS, M. de. O apanhador de desperdícios (Manoel de Barros). **Enunciar Cotidianos**, 18 jul. 2017. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/enunciarcotidianos/2017/07/18/o-apanhador-de-desperdicios-manoel-de-barros/>. Acesso em: 6 out. 2024.

GUIMARÃES, E. A Enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637219/4941>.

Acesso em: 3 out. 2024.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto**: procedimentos, análises, ensino. São Paulo: Hicitec, 2012.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto**: procedimentos, análises, ensino. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. *In*: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. **A palavra**: Forma e sentido. Campinas: Pontes, 2007.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas-SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas/SP: Pontes Editores, 2017.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas-SP: Pontes, 2018.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do simbólico. 6. ed. Campinas SP: Pontes, 2012.

SILVA, Rosa dos Santos. **Possibilidades de interpretação de texto em sala de aula: uma abordagem a partir da Semântica do Acontecimento**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, 2024.

SOUZA, D. S. **Sentidos de impeachment no caso Dilma Rousseff**: um estudo semântico. Orientador: Adilson Ventura. 2019. 88f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/166/14>. Acesso em: 15 mar. 2024.

STAHLHAUER, A. S. M REIS, C. Texto, enunciação e as práticas (políticas) de ensino de línguas: contribuições da Semântica do Acontecimento para pensar os sentidos no ensino da língua portuguesa. **Traços de Linguagem**, v. 3, n. 2, p. 85-96, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4362/3708>. Acesso em: 12 nov. 2023.

ⁱ Mestra pelo ProfLetras e Doutoranda em Linguística pelo PPGLin - Programa de Pós-Graduação em Linguística, ambos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

E-mail: rosasilvassabino@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0975-0380>

ⁱⁱ Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

E-mail: adilson.ventura@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7521-3981>

Recebido em 20/09/25

Aprovado em 20/05/26



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).